

## ENSINO E APRENDIZAGEM EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS: CONSCIENTIZAÇÃO E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA NA WEB

Pedro Henrique Pereira

*Resumo:* Este artigo apresenta uma pesquisa qualitativa que explora um gênero bastante popular na Internet, os memes, buscando compreendê-lo como formas de argumentação, expressão e participação política que podem levar a construção de cidadãos críticos tanto nos espaços digitais como fora deles. O estudo se estabelece de maneira interdisciplinar, congregando estudos de educação, comunicação, linguagens e política, buscando analisar alguns textos meméticos e observar possibilidades de ensino-aprendizagem fora de ambientes formais de ensino. Sob a ótica de pesquisadores como Martín-Barbero (2014); Castells (2003); Lankshear & Knobel (2007) e Shifman (2014), os memes foram avaliados como bons canais de comunicação, permitindo um uso frutífero desse gênero para o contato de leitores críticos com a política.

*Palavras-chave:* Educação. Ensinoaprendizagem; Política; Novos letramentos.

## TEACHING AND LEARNING IN NON-FORMAL SPACES: CONSCIENTIZATION AND POLITICAL PARTICIPATION ON THE WEB

*Abstract:* This article is about qualitative research that explores a very popular genre: the Internet meme. This work aims to comprehend memes as ways of arguing, expressing and participating in Politics. This way, these texts can contribute to the critical education of citizens in/outside the web space. The study is based on interdisciplinary studies, crossing Education, Linguistics and Politics in order to observe and to analyse teaching and learning processes

in different and non-formal contexts of education. Based on studies of Martín-Barbero (2014); Castells (2003); Lankshear & Knobel (2007) e Shifman (2014), Internet memes can be interesting means of communication, establishing connections between readers and Politics.

*Key words:* Education. Teaching and Learning. Politics. New literacies.

## Introdução

Apesar de ainda não atingir metade da população, a Internet tem participado da vida de muitos cidadãos: cerca de 45.6% dos brasileiros têm acesso à web e esse número aumenta cada vez mais<sup>1</sup>. Nessa imensidão digital, as redes sociais desempenham papéis importantes na vida dos conectados, proporcionando momentos de lazer até usos para fins trabalhistas. O *Facebook* é um dos mais importantes exemplos presente em grande parte do globo e de forte relevância no território brasileiro (aproximadamente 30% da população participa dessa rede no Brasil).

Castells (2003) coloca que a Internet e outras redes de computadores estruturam as atividades econômicas, sociais, culturais e políticas. Portanto, estar excluído da conectividade é uma das maneiras mais danosas de exclusão da sociedade contemporânea. Apesar desse enorme problema, a Internet permite aos conectados um espaço mais flexível para a produção, divulgação e consumo de ideias que não são circuladas na grande mídia: a diversidade é um conceito chave

---

<sup>1</sup> Fonte: <http://www.internetworldstats.com/sa/br.htm>.

nesse espaço. Os problemas e contradições da sociedade também estão presentes *online*; a diversidade abrange os mais distintos tipos de ideias como movimentos pela reforma agrária ou pelos ideais nazistas. Essa multiplicidade requer um sujeito que possa consumir esses textos com criticidade e ser autor de suas ideias e seus discursos (que, provavelmente, serão formados pelos textos apreciados por esse sujeito).

Toda essa pluralidade parece não caber mais no espaço escolar tradicional e linear, originando uma necessidade de expansão além-muro das escolas: “o lugar para estudar pode ser qualquer um” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 121). O conhecimento político e exercício dessa cidadania, por exemplo, ainda é um tabu dentro da sala de aula, levando a criação de programas como o Escola sem Partido para que haja um apagamento do ensino-aprendizagem de política dentro da escola. Aqui, a flexibilidade da Internet permite que apareçam espaços de resistência para a existência e discussão de temas ainda não estabelecidos na escola.

A linguagem audiovisual e digital tem-se mostrado o espaço onde os jovens encontram seu idioma: conseguem se expressar, ser ouvidos e interagir com outros. Um texto bastante popular nas redes que explora essas linguagens é o meme. Este gênero conjuga diferentes recursos semióticos para a construção de uma ideia, muitas vezes, humorística. Entretanto, esse humor também passa pelo político, produzindo memes que exploram os acontecimentos políticos do país. Esses pequenos e aparentemente inofensivos textos podem trabalhar para a conscientização e participação política do cidadão, estabelecendo um espaço não formal para a construção de conhecimentos e significados.

Para compreender mais essas possibilidades de uso dos memes, este artigo procura discorrer sobre mudanças na configuração da sociedade e no universo educativo que permitem novas construções semióticas. Através dos estudos de linguagem, discurso e multiletramento (BAKHTIN, 2000; FAIRCLOUGH, 2003; LANKSHEAR & KNOBEL, 2007; ROJO, 2012), essa pesquisa aborda qualitativamente cinco exemplos de memes, buscando compreender de que forma conteúdos políticos tem sido abordados nesse gênero e como eles estão presentes nos processos não formais de ensino-aprendizagem, revelando serem constituintes bastante potenciais na formação de cidadãos mais participativos.

O artigo encontra-se organizado em três blocos: no primeiro, apresentam-se questões educacionais na sociedade contemporânea, compreendendo novos contextos para novas linguagens; no segundo, apresentam-se os cenários de manifestações e participação política ocorridos nos últimos anos; por fim, temos a abordagem dos memes, revelando papéis que esse gênero pode estabelecer nos contextos apresentados anteriormente, promovendo algumas discussões políticas.

## **Novas configurações da sociedade, novas tecnologias, novos letramentos**

A sociedade contemporânea tem vivenciado um tempo em que o sistema educacional não mais atende suas demandas, sendo categorizado por muitos como defasado. Essa afirmação já não é mais novidade no cenário da educa-

ção, mas continua a ser explorada. Martín-Barbero (2014) coloca de forma bastante clara a premissa de que “Estamos passando de uma sociedade com sistema educativo para uma sociedade educacional” (p. 10); e é por isso que o sistema educacional não consegue mais ser suficiente para a construção de conhecimento.

A asserção do pesquisador baseia-se no modelo de sociedade proposto por Manuel Castells (2003): a sociedade em rede. Nesta sociedade, o grande diferencial está na incorporação das tecnologias de manipulação, armazenamento e distribuição de informações que permitiram a valorização e importância econômica dos bens imateriais. Esta base comunicacional e informacional se estrutura em redes, concebendo uma “sociedade informacional enredada”. Nessa era informacional que vivenciamos, tempo e espaço são transpassados e isso se reflete no momento de ensino-aprendizagem que derruba os muros da escola e passa a ser possível em qualquer lugar e em qualquer momento/idade; a Internet é um importante exemplo dessa possibilidade.

O advento das novas tecnologias digitais trouxe à sociedade ferramentas de fácil utilização que possibilitam a produção de novas modalidades de textos (no sentido mais amplo da palavra). Além da rápida produção, a tecnologia também permitiu que essas novas produções fossem empregadas em larga circulação e obtivessem fácil visualização. No mundo contemporâneo, as produções textuais passaram a congregiar, com maior frequência, sistemas verbais e não-verbais, ampliando as possibilidades de construções de sentido.

A presença de variadas linguagens muitas vezes não é encontrada no espaço escolar, entrando em descompasso com o mundo dos jovens “cuja empatia com as linguagens audiovisuais e digitais é feita de uma forte cumplicidade expressiva, já que é em suas sonoridades, fragmentações e velocidades onde eles encontram seu ritmo e seu idioma” (MARTIN-BARBERO, 2014, p. 134). É claro, portanto, a importância de que a escola, uma vez que seja um espaço para o fenômeno social de democratização onde se deve desenvolver o processo de educar, também leia o mundo em suas diversas linguagens.

Hoje, por exemplo, já é possível falar dos multiletramentos na escola. Pesquisadores já evidenciaram (e continuam) o quão importante se faz uma nova pedagogia na educação. O multiletramento extrapola os limites do letramento linear baseado na escrita e

aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica (ROJO, 2012, p. 13).

Ainda que haja essa necessidade de atualização no espaço escolar, a aprendizagem não para de acontecer. É de igual importância também olhar para além de uma escola murada e buscar compreendê-la não como um lugar separado do mundo exterior, mas como parte formativa deste. Dessa forma, torna-se possível a derrubada do muro que divide a escola e o mundo, fazendo com que o espaço de aprendiza-

gem seja qualquer lugar, assim como a sociedade informacional enredada demanda.

É nesse espaço educacional expandido que as diferentes linguagens construirão diferentes conhecimentos que não necessariamente são abordados na escola. A mobilização e participação política é um exemplo. Esse apagamento da política aparece, por exemplo na tentativa de muitos políticos de proibir que professores abordem temas políticos nas escolas. Esse é o caso do projeto de lei “Escola sem Partido” proposto pela Câmara dos Deputados em 2015. Esta medida chega ainda mais longe ao encontrar o apoio de pais e estudantes que chegaram a criar uma ONG cujo *slogan* é: “por uma lei contra o abuso de ensinar”<sup>2</sup>.

Esse projeto e seus desdobramentos (como a ONG) já evidenciam a necessidade de uma presença mais forte de diálogos sobre política. Este artigo não visa à exploração de definições para política, mas uma simples divisão em duas possibilidades de entender o conceito desse termo já permite uma desconstrução dessas propostas apresentadas por governantes e civis.

É comum compreendermos política ou, de uma forma mais ampla, como uma construção social de poder e consequentemente de hierarquias; ou ainda, de uma maneira mais fechada, como os próprios sistemas de governo (SHIFMAN, 2014, p. 119). O nome do projeto (“Escola sem Partido”) localiza-o em uma política vista como governo uma vez que tra-

---

<sup>2</sup> Fonte: <http://www.escolasempartido.org/>.

balha com a ideia de partidos, já o *slogan* de seu apoio, mobiliza uma política que se volta ao poder. Obviamente, essas duas ideias não andam separadas. No entanto, a confusão já é evidência de que não estamos muito a par das definições de política. Ou seja, para chegarmos a um projeto como esse, é preciso antes que momentos de aprendizagem política aconteçam uma vez que esse tema tem tomado lugar de evidência no dia-a-dia dos brasileiros, principalmente pelo extenso período de manifestações no país.

### **Manifestar é preciso: produção de textos em manifestações políticas**

Recentemente, o mundo presenciou a ocupação de vários espaços públicos por grande número de pessoas protestando contra o governo de seus países. No início de 2011, manifestações apareceram em países árabes, chegando a derrubar regimes ditatoriais como na Tunísia, Egito e Líbia. Essa onda de manifestações também chegou à Europa, levando as pessoas para as praças e ruas da Espanha (*Los Indignados* ou *15-M*) e da Grécia (*Aganaktismenoi*), além de outros países. As manifestações logo alcançaram as Américas onde, por exemplo, o povo ocupou Wall Street para fazer seus protestos.

O Brasil também é exemplo e parte desse movimento. No final de 2012, alguns protestos aconteceram no país e tiveram seu ápice em 2013 quando muitos brasileiros foram às ruas em diversas capitais e cidades do país reivindicar melhorias a respeito do transporte público e a manutenção de suas taxas. No entanto, eles não estavam apenas preocupa-



dos com os valores da taxa de ônibus: um grande número de manifestantes (juntamente com seus desapontamentos) levantou também um grande número de problemas que precisavam ser considerados pelo poder público; muitas manifestações apareceram a respeito da educação pública, sistema de saúde e economia no país.

Já o ano de 2014, por exemplo, não foi marcado por protestos contra as taxas do transporte público, mas por manifestações contra a Copa Mundial de Futebol da FIFA que aconteceu no Brasil naquele ano. Em 2015, mais protestos eclodiram no país, mas, uma vez mais, as causas haviam mudado: professores foram às ruas por ajustes salariais (principalmente no Paraná), alunos ocuparam escolas contra as reformas educacionais propostas pelo governo do estado de São Paulo, e diversos protestos aconteceram contra o governo federal e atos de corrupção, especialmente contra a presidenta Dilma Rousseff e seu partido, o Partido dos Trabalhadores (PT).

Durante esses protestos, a produção textual teve papel de destaque. Como é esperado, os manifestantes ocuparam os espaços públicos carregando seus cartazes. Essa é uma das formas mais comuns de fazer visíveis as reivindicações das pessoas que estavam protestando. Szaniecki (2007) afirma que “movimentos geram cartazes, cartazes geram movimentos” (p. 83). Essa sentença destaca o quão importante é essa prática linguística em uma manifestação. Para analisar esses textos, a autora os reúne em três grupos distintos: o

primeiro é o cartaz clássico feito com papel e tinta<sup>3</sup>; o segundo são os cartazes criados digitalmente; e o último, cartazes constituídos pelo próprio corpo humano como pinturas na face. Este artigo concentra-se no segundo grupo.

Cartazes também podem circular e ser criados em espaços digitais como a Internet. Algumas vezes, essas versões digitais são impressas e transformadas em cartazes de papel para serem levados durante os protestos. O movimento contrário também acontece: muitos cartazes são fotografados, tornando-se dados digitais na web. Esse processo permite a recontextualização dos cartazes em outros gêneros de texto como reportagens, memes, paródias audiovisuais, comentários e postagens, entre outros.

O progresso tecnológico e a ascensão da Internet disponibilizaram novas ferramentas para os protestos; as manifestações atuais estão extremamente ligadas ao universo digital: eventos virtuais são criados para convocar as pessoas aos protestos, textos com diferentes perspectivas são circulados e imagens das manifestações se espalham rapidamente. Szaniecki (2007) afirma, por exemplo, que

os produtores de cartazes privilegiam os meios cuja velocidade de impressão acompanha a rapidez da contestação: o efeito inachevé é revelador da pressa das ruas, mas também é expressão estética de uma força política que não deseja acabar a revolução (p. 84-85).

---

<sup>3</sup> Devido ao desenvolvimento gráfico e tecnológico, também podemos encontrar cartazes feitos de tecidos ou materiais plásticos, além do uso de partes impressas como letras, frases, ícones, imagens ou o próprio cartaz.

Os cartazes de papel se caracterizam por ter vida breve; logo após o uso, possivelmente serão eliminados. A digitalização os confere uma vida mais longa e atende às necessidades de velocidade, além da participação deles em diferentes textos. Ainda que cartazes de papel sejam muito usados nos protestos, a tecnologia digital cria novas possibilidades de produção de textos que também serão parte das manifestações. Entre tantas possibilidades, o meme obteve grande destaque como um dos textos-cartazes dos protestos recentemente.

Pereira (2017), através de uma abordagem mais discursiva e semiótica, configura os cartazes como “gêneros de protestos”, localizando o meme como um gênero de recurso digital ou, como Szaniecki (2007) coloca, um cartaz digital. Uma das definições dadas para os gêneros de protestos conceitua que eles são discursos multimodais, portanto fazem uso de recursos semióticos diferentes incluindo ferramentas digitais. Esses recursos são utilizados para “convencer pessoas a participarem de protestos” além de serem “espaços de reclamações onde as pessoas podem expressar seus sentimentos e angústias” (PEREIRA, 2017, p. 40. Tradução minha).

### **Memes da Internet e a discussão de política**

Como já discutido, estas novas amostras de textos são possíveis devido às novas tecnologias — avanços na programação binária, aplicativos (texto, som, imagem, animação, etc.), dispositivos digitais, conexão com a internet e novas técnicas (clique, cortar, colar, arrastar, etc.) — e a um novo

*ethos* (LANKSHEAR; KNOBEL, 2007). Este é explicado pelo fato de esses novos letramentos (ou multiletramentos) serem mais participativos, colaborativos e distribuídos, ao mesmo tempo que são menos individualizados, “autorados” e regrados. Constitui-se, assim, uma nova mentalidade, em que maximizam-se relações, diálogos, redes e dispersões, a livre circulação de informação e uma nova cultura: os *remix* que “fazem novos significados a partir da recombinação de componentes” (LANKSHEAR; KNOBEL, 2007, p. 12, tradução minha).

Inseridos nessa cultura do *remix*, os memes se baseiam em processos que relacionam diferentes textos, permitindo que novos significados sejam construídos. Os memes recontextualizam textos, criando espaços ricos para a pluralidade discursiva de diferentes atores, lugares e até mesmo épocas. Nesse cenário, é possível explorar essa multiplicidade, buscando uma compreensão crítica dos significados ali mobilizados.

O conceito de “meme” tem origem nos estudos biológicos e foi primeiramente pesquisado e nomeado por Richard Dawkins (1976) em seu trabalho “O Gene egoísta”. O biólogo conceituou meme como uma unidade de transmissão cultural, aproximando-o da ideia de gene; muitas pesquisas basearam-se nessa ideia, gerando os estudos meméticos. Mesmo que Dawkins seja considerado o pai dos memes, ele não tinha em mente o universo digital e a Internet naquela altura; os conhecidos memes da Internet não são exatamente o mesmo que os memes biológicos.

O termo meme foi emprestado de Dawkins para nomear novas produções textuais. O fenômeno está sendo estudado recentemente e ainda não há consenso sobre o que seria exatamente um meme da Internet. Limor Shifman (2014), por exemplo, explica-o como “um grupo de unidades de conteúdo digital que compartilham características de conteúdo, forma e/ou posição comuns” (p. 177, tradução minha). Já Milner (2012) é mais específico quanto ao conceito: memes seriam “artefatos multimodais em que imagem e texto estão integrados para contar uma piada, fazer uma observação ou desenvolver um argumento [...]” (p. 16, tradução minha). Ainda que com definições diferentes, a velocidade de compartilhamento é comum entre os dois teóricos (e com a ideia original de Dawkins também) e é fator importante para os protestos nas ruas.

A partir dessas definições podemos entender o meme como um gênero do discurso, uma configuração textual com suas particularidades estéticas e retóricas. Assim como previsto pelo filósofo russo Bakhtin (2000), os gêneros discursivos não são imutáveis; portanto, diferentes configurações para os memes são possíveis de se encontrar. A sociedade informacional transforma com frequência suas produções textuais e cria novos textos e gêneros, tanto pela criatividade humana quanto pelo amparo tecnológico.

O analista do discurso Fairclough (2003) diz que “nós podemos distinguir diferentes gêneros como diferentes formas de (inter)ação discursiva [...]” (p. 26, tradução minha). O estudioso conceituou o gênero como uma forma de ação, uma ação que acontecerá na e por meio da linguagem. Em

suas palavras: “gêneros são especificamente o aspecto discursivo das formas de ação e interação no curso dos eventos sociais [...] quando analisamos um texto ou uma interação em termos de gênero, estamos buscando como isso se configura e contribui para a ação social e a interação em eventos sociais [...]” (p. 65, tradução minha). Os gêneros são parte de um elemento social — o Discurso — que se associa com outras áreas da vida social, constituindo uma prática social<sup>4</sup>.

Temos, portanto, os memes como gêneros do discurso que são uma das formas de agir que os manifestantes encontram para construir seus protestos. Dessa forma, não só através dos memes, mas dos mais diversos elementos mobilizados em uma manifestação, os textos passam a congregiar formas de ação (ou os gêneros discursivos) com uma temática política que está presente em uma manifestação social, principalmente por serem veículos de pensamentos e ideologias que podem ou não estarem empoderadas, e serem dominantes ou não. Há diferentes formas de conceber a ação (política); Arendt (2008), por exemplo, faz um brilhante trabalho procurando explorar as mais diversas perspectivas quanto a ação — uma das três condições humanas (labor, trabalho e ação). Tomar os memes como uma ação política *per se* parece um tanto equivocado; no entanto, eles funcionam muito bem como uma forma de participação política e, discursivamente, podem ser lidos como formas de ação, uma vez que sejam considerados gêneros do discurso.

---

<sup>4</sup> Neste artigo, por exemplo, a prática social de protestar ou manifestar.

Em seu estudo sobre os memes da Internet, Shifman (2014) explora os memes como formas de participação política, nominando-os como “political memes”. A pesquisadora diz que:

enquanto alguns memes políticos são vistos de uma forma humorística, outros são extremamente sérios. Mas indiferente de seu encadeamento emocional, os memes políticos dizem respeito a questionar — participar em um debate normativo sobre como o mundo deveria ser e o melhor caminho para se chegar lá (p. 120).

Shifman também defende que as percepções do que constituiria a participação política têm-se modificado na sociedade atual, incluindo práticas mais comuns como comentar em blogs políticos ou postar piadas a respeito de políticos.

Assim, a Internet e as novas mídias são formas mais convenientes e estimulantes para a participação; e, como temos uma linguagem diferente nesses meios que se configura como um idioma da juventude, a participação dos jovens (que Shifman coloca como os menos prováveis a participar da política mais clássica) se torna mais possível e significativa. Mesmo fora do espaço escolar tradicional, os jovens estão convivendo e, assim, consumindo e participando de formas não convencionais de política.

Shifman ainda propõe uma divisão em três funções interconectadas que são possíveis de se encontrar nos memes políticos: (1) Memes como formas de persuasão ou argumentação política; (2) Memes como movimentos de base; (3) Memes como modos de expressão e discussão pública. O primeiro prioriza as possibilidades de influência dos memes;

o segundo, o papel desses textos em conectar o pessoal e o político para empoderar ações coordenadas dos cidadãos; e o terceiro, lida com o fluxo de memes como comentários a eventos passados, promovendo um espaço para a pluralidade de vozes.

As recentes manifestações que aconteceram no Brasil (e no mundo) inspiraram a criação de diversos memes que podem ser considerados memes políticos. Devido a sua estrutura interdiscursiva e textual, a leitura desses pequenos textos depende muito de conhecimentos prévios do leitor. A comparação entre os governos de Collor e Dilma na figura 1, por exemplo, é representada pelo número de aprovação de seus governos associado a respectiva foto de cada um dos presidentes, sem a citação de seus nomes ou do motivo da decadência do primeiro. O texto convoca o leitor a participar das manifestações, equiparando a situação atual com um acontecimento político anterior.



Figura 1: Collor vs. Dilma<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Disponível em: <http://portaldomagrao.com.br/wp-content/uploads/2015/08/FORA-02.jpg>.



Esse meme representa muito bem as funções propostas por Shifman. Ele percorre por informações e eventos passados e presentes, persuadindo seu leitor a participar do movimento ali proposto além de mobilizar vozes de entidades estatísticas pela presença dos índices de aprovação e a voz do povo (assim escrito no texto) por exemplo. No entanto, as vozes estão reunidas ali para um mesmo objetivo, a participação na derrubada da presidenta e não para a fomentação de um debate.

A comparação de Dilma e Collor também se estende na comparação dos manifestantes que lutaram/lutam contra esses presidentes. Na figura 2, por exemplo, as imagens escolhidas não são das manifestações atuais, mas sim do movimento dos Caras Pintadas que lutavam pelo impeachment do presidente Collor. Nesse meme, os jovens de hoje são comparados aos jovens do passado e convocados às ruas para lutarem como seus antecessores (e conseguirem o que querem).



Figura 2: Caras pintadas<sup>6</sup>

Esses são dois exemplos que mobilizam informações da política do país e buscam mobilizar os jovens para a participação política nas ruas. No entanto, pode-se observar durante esses protestos que os cidadãos estavam bem divididos e nem todos concordavam com o que acontecia. Assim, os memes também foram usados para expressar visões contrárias à luta proposta nos anteriores. A figura 3, por exemplo, relaciona e ironiza o motivo da manifestação — a corrupção — com atos corruptos da CBF cujas camisetas seriam uma espécie de uniforme para os manifestantes.



Figura 3: Corrupção e CBF<sup>7</sup>

Construções contendo ironias são muito comuns nos memes uma vez que eles também mobilizam o humor. É possível encontrar diversas fotos de cartazes carregados durante a manifestação que foram modificados e transformados em memes. Esses “novos cartazes” buscam desconstruir

<sup>6</sup> Disponível em: <https://asetimaaula.wordpress.com/2013/10/12/historia/>

<sup>7</sup> Disponível em: <http://www.blogdaflal.com/2015/03/minha-manifestacao-de-sofa.html>.

o que ali havia originalmente. As manifestações contra a presidenta, por exemplo, mostraram um latente discurso de ódio e repulsa em relação à figura presidencial e ao seu partido<sup>8</sup>. Muitos se reuniram por essa emoção, mas muitos outros se posicionaram contra como é possível ver na figura 4 a seguir.



Figura 4: Cartaz e meme<sup>9</sup>

<sup>8</sup> Há, por exemplo, diversos cartazes que produzem representações pejorativas da presidenta como a transmutação de seu corpo em um rato, representações como uma criminosa ou mentirosa e até mesmo como bonecos enforcados.

<sup>9</sup> Primeira imagem disponível em: <http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/30082-protesto-pede-impeachment-de-dilma#foto-452749>.

Segunda imagem disponível em: <http://noticias.terra.com.br/eleicoes/pedidos-de-intervencao-militar-viram-piada-na-internet,91fa7fa977179410VgnVCM10000098cceboaRCRD.html>.

Na imagem original temos o pedido de saída da presidenta tanto pelo vocábulo “impeachment” quanto pelo “fora Dilma”. O cartaz em segundo plano justifica a saída da presidenta pelo sangramento do país, atribuindo a culpa dos problemas sangrentos do Brasil à Dilma<sup>10</sup>. O meme é criado em cima da imagem original, criticando a posição defendida nos cartazes dos manifestantes: a manifestante é categorizada como uma pessoa que precisa de tratamento psiquiátrico e educacional. Essa é uma importante função do meme político que permite o posicionamento de vozes distintas.

Um último exemplo de meme político está representado na figura 5. Este trabalha a política tanto como sistemas de governo quanto como as construções sociais de poder, mobilizando conhecimentos das estruturas governamentais e de pessoas públicas que podem ser representantes dessas posições se estendendo até quais posições o leitor poderia ou não tomar.

---

<sup>10</sup> Aqui, já temos indícios de um discurso de ódio.



Figura 5: Posições políticas<sup>11</sup>

Este meme é parte de uma página no *Facebook* voltada para política: [facebook.com/vamosobrepolitica](https://www.facebook.com/vamosobrepolitica). Nele, temos um exemplo das novas formas de participação política comentada por Shifman, os blogs políticos. Nessa página é possível encontrar diversas postagens que procuram esclarecer seus leitores sobre assuntos políticos e uma das formas encontradas por ela é o uso do meme para a conscientização política.

Aqui temos um bom exemplo que pode representar um momento de ensino-aprendizagem (sobre política) em um espaço não formal, levando o leitor a construir conhecimentos sobre sistemas de governo e importantes figuras

---

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/vamosobrepolitica/photos/pb.601549369931419.2207520000.1455401745./908182329268120/?type=3&theater>.

relacionadas à política. No meme, temos diferentes figuras sendo categorizadas politicamente, levando o leitor a acionar seus conhecimentos prévios para a compreensão do texto. Para um leitor não familiarizado com o universo político, esse meme pode provocar o interesse na pesquisa para a construção de conhecimentos políticos necessários que permitam a leitura significativa do meme.

## Considerações Finais

Apesar de este artigo não se destinar a uma análise discursiva aprofundada dos memes apresentados<sup>12</sup>, eles claramente ilustram as funções que os categorizam como memes políticos e, conseqüentemente, como formas de participação política. Os textos trazem diferentes informações políticas e abrem espaço para discussão e construção de conhecimentos relacionados a essa esfera. Uma vez que a política é pouco discutida nas escolas, esses memes podem ser vistos como potenciais espaços não formais de educação política.

Os memes não estão formalmente presentes no espaço escolar tradicional, mas fazem parte da vida de muitos jovens que utilizam as redes sociais. Os memes da Internet são, portanto, bons canais de informação entre esse público que não é visto como muito participativo politicamente. Mesmo que as informações estejam dispostas para a rápida

---

<sup>12</sup> Ver Pereira (2017) para uma apreciação mais profunda dos memes como textos de protesto.

visualização, os textos revelam que sua produção depende de um conhecimento político prévio e tenta transmiti-lo aos seus leitores. A leitura, principalmente em cenários de estranhamento em que o leitor tenha que buscar mais informações para a compreensão do texto, pode contribuir para que os sujeitos se conscientizem politicamente e possam agir, tanto pelo compartilhamento dessas ideias quanto pela criação de novos memes.

No entanto, os memes sozinhos não dão conta da prática social de protestar; eles são apenas uma das formas de participar. Funcionam muito bem como espaços para a presença de vozes diferentes e divergentes, além de mobilizar seus leitores ao engajamento político, caracterizando uma forma de participação política. Ainda assim, é necessário que haja, por exemplo, a saída a espaços públicos para uma ação política mais efetiva, que ainda não está (formalmente) presente nas escolas apesar de participar da vida dos cidadãos. Além do mais, é preciso ressaltar a participação da escola e dos professores na formação educacional como figuras mediadoras que auxiliam na leitura crítica e na construção de significados que esses textos populares possam carregar e construir.

## Referências

ARENDT, H. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

CASTELLS, M. *A Galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CASTELLS, M. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Tradução MEDEIROS, C.A. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

DAWKINS, R. Memes: os novos replicadores. In: *O gene egoísta*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 325 – 343.

FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse: Textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.

MARTÍN-BARBERO, J. *A Comunicação na Educação*. São Paulo: Contexto, 2014.

LANKSHEAR, C. & KNOBEL, M. *A new literacies samplers*. New York: Peter Lang Publishing, 2007.

MILNER, R. M. *The world made meme: discourse and identity in participatory media*. University of Kansas. Unpublished PhD dissertation, 2012.

SHIFMAN, L. *Memes in Digital Culture*. Massachusetts: The MIT Press, 2014.

SZANIECKI, B. *Estética da multidão*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

PEREIRA, P. H. *Protesting genres: semiotic representations of 2015 Brazilian demonstrations*. Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação de mestrado não publicada, 2017.

PRETTO, N L.; SILVEIRA, S.A (Org.). *Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder*. Salvador: EDUFBA, 2008.

ROJO, R. & MOURA, E. (Org.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SILVEIRA, S. A.; BRAGA, S.; PENTEADO, C. (Org.) *Cultura, política e ativismo nas redes digitais*. São Paulo : Editora Fundação Perseu Abramo, 2014, p. 15-29.

[Recebido: 31 out. 2017 — Aceito: 4 dez. 2018]